



ID: 117254834

20-05-2025



GOVERNO

## A "teia" de Montenegro pressiona "oposições". Marcelo quer "certezas"

**SOLUÇÕES** Presidente convicto de que "todos" vão dar condições de governabilidade à AD. Novo Executivo sem "muitas" mudanças, mas com "reacertos". Revisão constitucional "não é prioridade".

TEXTO ARTUR CASSIANO

O que foi dito a 2 de abril de 2024, no discurso da tomada de posse, foi replicado na madrugada de ontem. A "teia", como na altura, dirigentes do PSD classificaram a narrativa de Luís Montenegro, voltou a ser estendida.

No ano passado, o então recém-eleito primeiro-ministro estabeleceu que "não rejeitar o Programa do Governo no Parlamento não significa apenas permitir o início da ação governativa. Significa permitir a sua execução até ao final do mandato ou, no limite, até à aprovação de uma moção de censura". Depois traçou o desafio:

"Da parte do Governo vamos garantir essa humildade, esse espírito patriótico e essa capacidade de diálogo. E é isso que se espera também das oposições."

Na madrugada desta segunda-feira, no discurso de vitória, sublinham ao DN fontes do PSD, Luís Montenegro "restabeleceu" as mesmas "linhas de orientação" dizendo ter a "certeza de que vai acabar por imperar o sentido de responsabilidade, não só para a assunção plena de poderes do Governo, mas para as condições de execução do Programa do Governo em quatro anos".

Sublinhada a mesma ideia, foi

**Presidente da República recebe hoje PSD, PS e Chega e deverá marcar segunda ronda de audiências na próxima semana.**

apontado desafio igual: "O povo quer este primeiro-ministro e não quer outro; o povo quer que este Governo dialogue com as oposições, mas o povo também quer que as oposições respeitem e dialoguem com este Governo e com este primeiro-ministro."

As "linhas mestras" são as mesmas, só que, desta vez – e essa é a "mudança" apontada –, a "teia" social-democrata vai para além do PS.

E a questão é esta: "Pode um partido, ainda que respeitável, mas com apenas três deputados, voltar a apresentar uma moção de rejeição do Programa de Governo e abrir nova crise política?"

A pergunta que é dirigida ao PCP, mas que "deve" ser "alargada a outros", refere ao DN fonte social-democrata, é entendida como "crucial" até para o Presidente da República, que já avisou estar "à vontade para nomear um Governo tendo a certeza de que o Governo não é rejeitado imediatamente. Não está à vontade para o nomear não tendo essa certeza". Marcelo Rebelo de Sousa espera, por isso, que todo o processo até à formação do Governo esteja concluído a meio de junho – prazo semelhante ao das eleições legislativas de 2024.

"No caso do PS há uma substituição de liderança e, portanto, é importante que o PS tenha tempo

para se perceber qual é o processo, o tempo, o calendário de substituição e o posicionamento em relação ao Governo. Em relação ao Chega há o problema da repercussão, ou não, dos resultados dos emigrantes na posição relativa de segundo ou terceiro partido", esclareceu.

No entanto, e para já, "o que interessa é ouvir os partidos e saber qual é a posição deles no caso hipotético de um partido avançar com uma moção de rejeição do Programa do Governo".

A convicção do Presidente da República, porém, é de que "à primeira vista", todos vão dar condições de governabilidade à AD.

"O que é de evitar, nestas circunstâncias", avisou já Marcelo Rebelo de Sousa, "é um Governo que logo à partida, ouvidos os partidos todos, não tem condições nenhuma para ser viabilizado no Parlamento."

No caso do PCP, o cenário só hoje ficará esclarecido, "prevê-se", após a reunião do Comité Central. JPP, BE e PAN por não serem grupo parlamentar estão impedidos, nomeadamente, de apresentarem uma moção de rejeição, e na IL e no Livre "existe cultura de estabilidade".

Afastadas estas "possibilidades", resta o Chega que "não quererá perder já a vantagem" conseguida nas eleições e que o colocam, caso eleja dois deputados pelos círculos da Europa e Fora da Europa – repetindo 2024 –, como a segunda força política na Assembleia da República.

O que é lembrado, insistindo-se na ideia da "responsabilidade", é que em 2024 o Chega votou contra a moção de rejeição do PCP e em que o PS se absteve.

O cenário, sustentam as mesmas fontes, deverá manter-se "mais ainda agora com o líder de saída" e o partido com "resultados muito maus". E "mesmo que a tentação [de Pedro Nuno Santos] exista", e que ficou "patente" quando voltou a acusar Montenegro de não ter "idoneidade", há nos socialistas "gente responsável que percebe as consequências para o país".

Carlos César, presidente do PS, que vai assumir interinamente a liderança do partido – Pedro Nuno Santos abandona já no sábado –, já propôs que a eleição do novo líder aconteça no final de junho ou no primeiro fim de semana de julho.

continua na página seguinte

ID: 117254834

20-05-2025



EPA / TIAGO PETHINGA



REINALDO RODRIGUES



LEONARDO NEGRÃO

#### » continuação da página anterior

O Programa do Governo, estabelece a Constituição da República – que tem de ser submetido à Assembleia da República “no prazo máximo de dez dias após a sua nomeação” –, poderá ser assim “avaliado” na liderança, ainda que temporária, de Carlos César. [ver pág. 6]

“Papão” que deverá, garantem, ser afastado é o da “propaganda” em que “alguns da esquerda insistem” com a “ideia” de uma revisão constitucional “com o Chega e IL”.

A “certeza”, ainda não esclarecida, será a de que o PSD “respeitará o papel histórico e fundamental” do PS na “democracia” e que só “haverá mudanças negociadas” com os socialistas.

A entrada em cena de um novo líder, que acreditam poder ser Fernando Medina ou José Luís Carneiro, é que decidirá o “se”, o “quê” e o “quando”. Certeza já “clara” é que “esta não é uma questão prioritária para a vida dos portugueses”.

Outra “certeza”: o “não é não” nunca mudou, nem mudará” com Luís Montenegro. É, aliás, referida a “frase que muitos fizeram por não relevar”. O que disse o primeiro-ministro? “Quanto aos nossos compromissos já mostramos que temos palavra e que cumprimos a nossa palavra.”

São essas “garantias de palavra”

e de “trabalho já realizado”, sustentam fontes do PSD, que hoje Luís Montenegro levará à audiência com o Presidente da República.

“Dentro do cumprimento dos compromissos que assumi em nome da AD e dentro do espírito do ‘sim é sim’ a Portugal, tenho a certeza de que vai acabar por imperar o sentido de responsabilidade, não só para a assunção plena de poderes do Governo, mas de condições de execução do Programa do Governo em quatro anos”, disse já o primeiro-ministro.

Elogiando a “maioria, que é uma maioria maior do que aquela que tínhamos há um ano”, Luís Montenegro – e é este o entendimento dos sociais-democratas ouvidos pelo DN – não hesitou em “pressionar” a oposição, tal como tinha feito com o PS em 2024.

“Aqueles que acreditam que o povo português não disse isto [“mais votos, mais mandatos” para o PSD], então digam o que é que o povo português disse. Disse o quê? Disse que as oposições se devem juntar todas e boicotar o prosseguimento do trabalho deste Governo? Devem juntar-se todas e formar um Governo alternativo?”, questionou.

A resposta? “Se foi isso, eu sou um democrata, e sou um formalista já agora também. Se foi isso, apresentem essa alternativa”, desafiou.

## PRÓXIMOS PASSOS

### VOTO DOS EMIGRANTES

A partir de 28 de maio, os votos dos emigrantes – que chegam por via postal – começam a ser contabilizados. Tal como há um ano, os quatro deputados (dois pela Europa e dois por Fora da Europa) servirão para desempatar resultados. Neste caso, o lugar de segundo partido mais votado, que é disputado entre PS e Chega.

### NOVO GOVERNO

A data ainda não é certa, mas há um ano a tomada de posse do Governo de Luís Montenegro aconteceu cerca de três semanas após as eleições. Agora, o desejo do Presidente da República é que tal possa acontecer antes dos feriados de junho (dias 10 e 13 desse mês).

### ELEIÇÕES NO PS

Depois da derrota nas legislativas, o PS vai a votos para escolher o sucessor de Pedro Nuno Santos, que sai da liderança do partido de imediato. A Comissão Nacional dos socialistas ainda vai definir a data, mas o congresso eletivo deverá acontecer no final de junho/início de julho.

Foi, dizem, um repetir do repetido de 2024 ao PS – “vai ser oposição democrática ou ser bloqueio democrático” –, mas alargado “agora a todos”, às “oposições” como diz Montenegro, dadas as mudanças no quadro parlamentar. E há “alternativa”? A única, e “aritmética”, mas que não é “cenário crível” [expressão classificada como “ironia”] seria uma coligação entre PS e Chega.

Sem “ironia”, dizem, é que Pedro Nuno Santos, “apesar de derrotado duas vezes, não mudou” mantendo a “ameaça insensata” de uma Comissão Parlamentar de Inquérito que “só” por “inconsciência” um novo líder “promoverá”.

“As razões que nos levaram a defender uma Comissão Parlamentar de Inquérito mantêm-se intocáveis, infelizmente para todos nós (...). Luís Montenegro não tem a idoneidade necessária para o cargo de primeiro-ministro e as eleições não alteraram essa realidade”, insistiu Pedro Nuno Santos.

### O que vai mudar no Governo?

Luís Montenegro já garantiu que não vai “adiantar nem a composição do Governo, nem antecipar conversas com outros partidos, muito menos falar de uma hipotética revisão constitucional”.

No caso da “hipotética revisão constitucional”, fontes do PSD dizem não ser “questão prioritária

para a vida dos portugueses”; sobre as “conversas com outros partidos”, o que se sabe é que Rui Rocha, líder da IL, disse recusar uma coligação pré-eleitoral de Governo.

A única garantia, por agora, é que a Iniciativa Liberal diz ser “garantia de governabilidade” e que será “garantia de solução para o país”.

Não fechando, por isso, “diálogo” às intenções do Presidente, que pretende ter “a certeza” de que “o Governo não é rejeitado imediatamente”, Rui Rocha assegura disponibilidade “para todas as conversas e contactos”, mas mantendo a “posição” de princípio do partido. “Seremos fiéis a nós próprios, não vamos oferecer tudo a todos”, insiste.

“Difícilmente”, diz fonte do PSD, “aceitarão um acordo parlamentar escrito”, mas “tudo dependerá das conversas com Luís Montenegro e com Marcelo Rebelo de Sousa”.

E a “composição” do Governo? Fontes sociais-democratas, avisando que “está tudo na cabeça do primeiro-ministro”, acreditam que “muito pouco mudará” apesar de “naturalmente, nestas circunstâncias, haver reaccertos”.

A crença é sustentada na argumentação de que dos 17 ministros do atual Governo só quatro é que não foram a votos, o mesmo acontecendo com a “maioria” dos 41 secretários de Estado.

ID: 117254834

20-05-2025

# RESULTADOS LEGISLATIVAS 2025

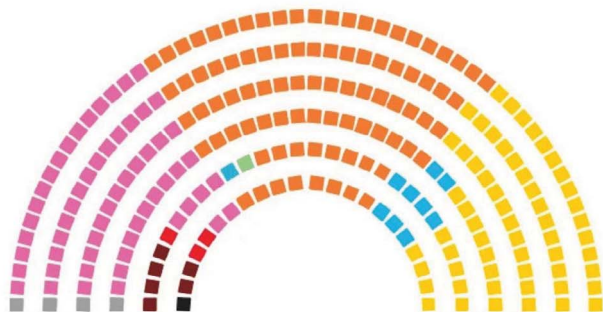
AD reforçou votação e número de deputados, Chega pode ultrapassar PS que caiu – falta a contagem dos votos da Europa e Fora da Europa –, IL passou a 9 deputados, Livre cresceu para os 6, PCP voltou a cair e elegeu 3, BE ficou reduzido a Mariana Mortágua, PAN resistiu e JPP elegeu pela primeira vez.

ELEITORES INSCRITOS  
**9.265.493**

ELEITORES VOTANTES  
**5.965.322**

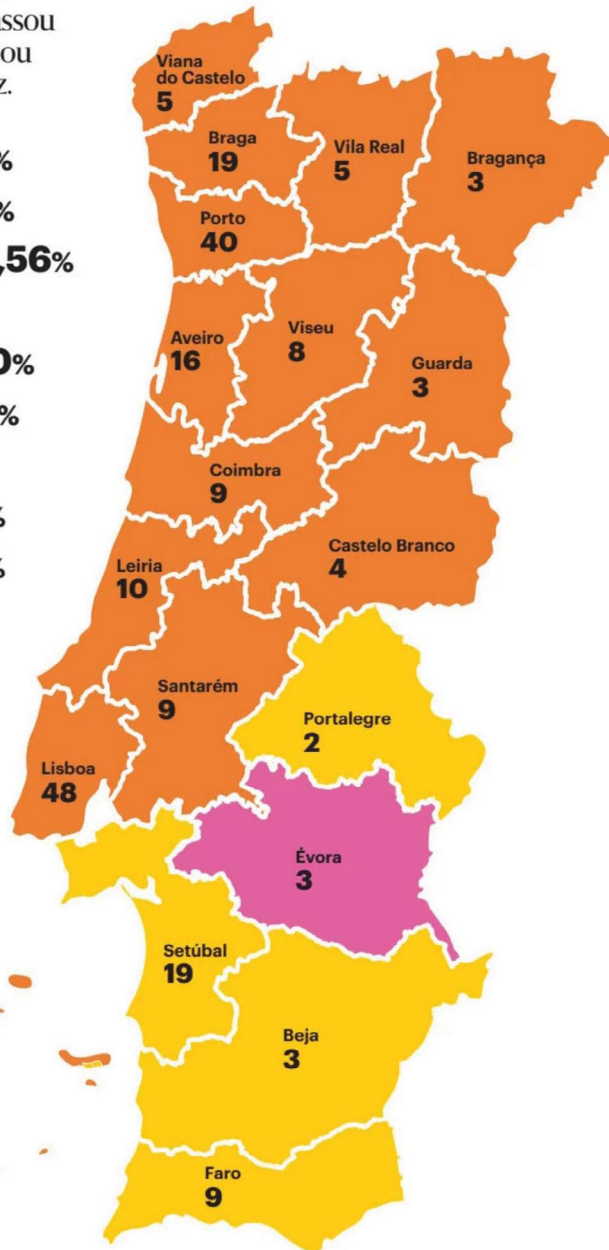
ABSTENÇÃO  
**35,62%**

CONSTITUIÇÃO DO PARLAMENTO  
APÓS LEGISLATIVAS 2025



\* Deputados da imigração ainda por conhecer

- AD **32,10%**
- PS **23,38%**
- CHEGA **22,56%**
- IL **5,53%**
- LIVRE **4,20%**
- CDU **3,03%**
- BE **2,00%**
- PAN **1,36%**
- JPP **0,34%**



# RESULTADOS LEGISLATIVAS 2024

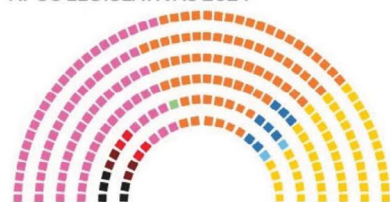
ELEITORES INSCRITOS  
**9.271.479**

ELEITORES VOTANTES  
**6.140.269**

ABSTENÇÃO  
**33,77%**

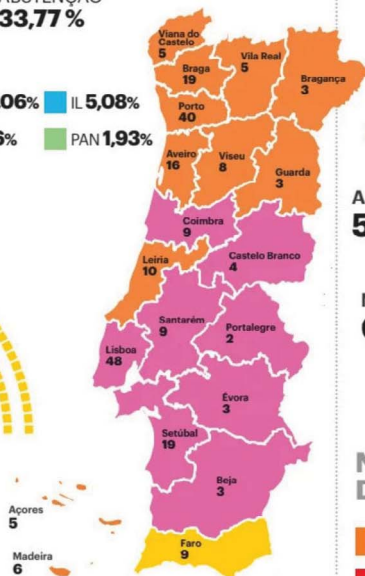
- AD **29,49%**
- PS **28,66%**
- CHEGA **18,06%**
- IL **5,08%**
- BE **4,46%**
- CDU **3,30%**
- LIVRE **3,26%**
- PAN **1,93%**

CONSTITUIÇÃO DO PARLAMENTO  
APÓS LEGISLATIVAS 2024



NÚMERO DE DEPUTADOS ELEITOS

- AD **80**
- PS **78**
- CHEGA **50**
- IL **8**
- BE **5**
- LIVRE **4**
- CDU **4**
- PAN **1**



NÚMERO DE DEPUTADOS ELEITOS

- AD **89**
- PS **58**
- CHEGA **58**
- IL **9**
- LIVRE **6**
- CDU **3**
- BE **1**
- PAN **1**
- JPP **1**

# AS RAZÕES PARA A QUEDA DE BLOCO E PCP E AS QUESTÕES A "RESOLVER" NO PS APÓS A SAÍDA DE PEDRO NUNO SANTOS

## PS. Antes de um novo líder, "hecatombe" deve levar a "análise" sobre o que correu mal

**EMBATE** Segundo pior resultado do PS desde 1985 foi "desastroso", diz fonte socialista ao DN. Adalberto Campos Fernandes defende que, antes de haver novo líder, deve ser discutido "o que falhou" e definir o rumo para o futuro.

TEXTO RUI MIGUEL GODINHO

O que se passou na noite do passado domingo, com o PS a perder mais de 365 mil votos no espaço de um ano, é "muito claro": trata-se de "um resultado desastroso". Segundo diz fonte socialista ao DN, "é ainda mais grave quando se espera que, na melhor das hipóteses, o PS possa ficar em terceiro lugar, com menos dois deputados que o Chega depois dos votos da emigração".

Com isto, diz a mesma fonte, "a liderança foi, naturalmente, posta em causa e Pedro Nuno Santos teve uma atitude muito digna ao abrir a porta de saída" – que será imediata, já este sábado após a reunião da Comissão Nacional do PS. Até porque "é preciso fazer uma reconciliação" com o eleitorado do PS e isso consegue-se "com uma nova liderança". Independentemente de quem vier (José Luís Carneiro, que já foi candidato, será um dos nomes na calha para a sucessão) terá de ter "outra cultura política". Isto é: "Deixar de pensar em trincheiras, em que cada um dispara" para passar, e, em vez disso, "pensar-se mais em garantir a estabilidade do país", pondo diferenças de lado e focando-se em "levar legislações até ao fim".

No fundo, resume a mesma fonte, "é preciso estabilidade e que se olhe para outros contextos na Europa", como a Alemanha, onde os democratas-cristãos da CDU governam em grande coligação com os socialistas do SPD.



Na noite eleitoral, Pedro Nuno Santos anunciou que se demite da liderança do PS.

Ouvido pelo DN, Adalberto Campos Fernandes, ministro da Saúde entre 2015 e 2018 (no primeiro Governo de António Costa), fala numa "hecatombe eleito-

ral" para os socialistas. Agora, há "um risco" que o PS corre, considera o ex-governante: o de "não perceber" o que aconteceu na noite eleitoral.

Por isso, antes de apontar para um novo nome na liderança dos socialistas, Adalberto Campos Fernandes diz que a prioridade deve ser "analisar" o que falhou. "Foi a estratégia? Qual era e porque falhou? É preciso perceber isso primeiro", reflete o militante socialista. Além disso, analisa, "o PS entrou muito bem no eleitorado do BE e com isso terá desprotegido o seu eleitorado clássico".

Aquando das internas de 2023 (que Pedro Nuno Santos ganhou com 62% dos votos), Adalberto Campos Fernandes apoiou José Luís Carneiro. Agora, se o ex-ministro da Administração Interna escolher avançar "será um bom nome", uma vez que "tem um perfil mais próximo" da matriz original do PS.

Menos de 24 horas após a desilusão do PS, Miguel Prata Roque, ex-secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, disse que os resultados mostram algo que "muitos têm vindo a alertar": o PS foi "deixando de ser um partido capaz de desenhar e construir o futuro, para passar a ser um instrumento de resistência e de defesa do passado".

Numa nota divulgada pelo candidato derrotado à liderança da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) do PS, Prata Roque refere que para "reconquistar" os elogios, "não pode haver meias palavras". E argumenta ainda: "O PS ou abre janelas ou sufoca, ou se rejuvenesce ou define, ou se modera ou acantona."

Após os resultados, que podem tornar o PS a terceira força política, "é preciso fazer uma reconciliação" com o eleitorado. Há que "deixar de pensar em trincheiras, em que cada um dispara", e pensar-se "em garantir estabilidade" para o país", defende fonte do PS.

Mostrando-se convicto de que "continua a haver um espaço para um centro-esquerda inovador", Miguel Prata Roque defende que as eleições para a liderança dos socialistas só devem acontecer "em final de outubro de 2025", para permitir "a discussão democrática e plural de ideias e garantir a abertura a novas candidaturas". Com isto, o Congresso do PS só devia ser "marcado para o início de novembro de 2025", para que o sucessor de Pedro Nuno Santos possa "tomar decisões sobre a votação do Orçamento do Estado para 2026".

E até lá? Carlos César, presidente do PS, assumirá funções interinamente até ao congresso dos socialistas, que se deverá realizar no final de junho/início de julho.

ID: 117254834

20-05-2025

**ESQUERDAS** É a primeira vez em democracia que o Parlamento tem apenas um terço de partidos de esquerda. Enquanto o PCP passou de quatro deputados, eleitos em 2024, para três, eleitos agora, o BE fica, de forma inédita, apenas com um mandato. Em retrospectiva, em 2015, no ano em que ambos os partidos se juntaram ao PS com um acordo de incidência parlamentar, PCP tinha 17 deputados, enquanto o Bloco, com 19, era a terceira força política do país. Este ano, o Livre consegue seis mandatos e surge como o único partido à esquerda a subir.

## Eleitorado “fixo” e “envelhecido” penaliza PCP. Transferências de voto são “meras especulações”

**DECLÍNIO** Os politólogos Filipa Raimundo e Bruno Costa analisam 10 anos de resultados eleitorais dos comunistas, num processo que levou à perda de 14 mandatos.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

**P**aulo Raimundo estabeleceu como meta eleitoral mínima seis mandatos, isto é, um regresso ao resultado das legislativas de 2022. O líder comunista, na derradeira semana da campanha para as legislativas de 2025, assumiu que este resultado implicaria mais 100 mil votos para eleger dois deputados, mas acabou com três mandatos – menos um face a 2024 – e menos cerca de 21 mil votos.

É com a ideia de que é “prematuro” estar a falar de uma transferência de votos do PCP para outros partidos que o investigador em Ciência Política na Universidade da Beira Interior Bruno Ferreira Costa começa a analisar o resultado dos comunistas nas mais recentes legislativas. Para o politólogo, a quebra eleitoral do PCP deve-se a outros fatores, como “uma saída para a abstenção” ou então uma consequência “do ponto de vista etário”, isto é, eleitores mais velhos que não estão a ser substituídos quando morrem ou quando deixam de votar.



**Paulo Raimundo**  
Secretário-geral do PCP

Ainda assim, Bruno Ferreira Costa não descarta a possibilidade de haver alguma transferência de votos, “nomeadamente ao nível do voto útil para o PS. Não se terá verificado nestas eleições, mas verificou-se eventualmente em 2024. Em 2022 verificou-se, de modo claro”, com a maioria absoluta conseguida por António Costa, explica.

Para além disto, o resultado deve-se “a alguma desertificação ou despovoamento, que pode ter conduzido algum eleitorado do PCP em determinadas zonas a estar agora noutras zonas, onde não é tão relevante estatisticamente”. Para o professor, também é por isto que se constrói a perceção de que o Chega arrecadou votos vindos do PCP, que “não é confirmada empiricamente”, sendo no partido de André Ventura a “a transferência mais relevante à direita”.

Também a professora de Ciência Política no ISCTE Filipa Raimundo considera que “quaisquer afirmações sobre transferências de voto são meras especulações”, alertando para a tentação de “olhar para as perdas de um partido e os ganhos de outro nos mesmos círculos, e tirar daí ilações diretas” é um risco, “porque há muita coisa a acontecer ao mesmo tempo”.

“Há muito tempo que o PCP vem tendo um ligeiro declínio e isso significa que o PCP tinha um eleitorado muito fixo e um eleitorado envelhecido”, acrescenta.

Em 2015, o PCP conseguiu 17 mandatos e quase 446 mil votos.

## “Asfixia democrática” interna e “estratégia inadequada para o momento” isolam o BE

**RECUE** Foi a terceira força política em 2015. Agora, só Mariana Mortágua se mantém. O crítico interno da direção Rui Cortes aponta ao DN razões para a queda do BE.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

**M**ariana Mortágua não estabeleceu metas eleitorais e preferiu pedir ao eleitorado do BE o maior número de mandatos possível para as legislativas. E o resultado foi que pela primeira vez na história do partido, agora há no hemiciclo uma deputada única, a coordenadora bloquista, e foi convocada para dia 24 deste mês uma reunião do órgão máximo do partido entre convenções – a Mesa Nacional – que poderá decidir o futuro do BE. Assim, nasce uma “situação muito perigosa”, que “pode prever uma mudança da Constituição”, com um Parlamento com dois terços das bancadas ocupadas pela direita, alertou ao DN o crítico interno do BE Rui Cortes.

“Sempre houve uma maioria de esquerda na sociedade portuguesa e neste momento a esquerda representa um terço da votação”, diz o bloquista preocupado com “um avanço extraordinário da extrema-direita e um recuo muitíssimo grande da esquerda”.

Isto acontece “apesar do Blo-



**Mariana Mortágua**  
Coordenadora do BE

co se ter afirmado como defensor de propostas que não são imediatistas, como acontece com o Chega, que prometeu triplicar o valor das pensões”, apesar de não saber “como é que seria possível satisfazer um orçamento dessa maneira”, continua o também professor universitário.

Contudo, no BE “há divisões internas por alguma asfixia democrática. Aliás as várias moções que têm concorrido às convenções têm vindo sucessivamente a diminuir”, o que revela um “descontentamento que não é de agora”, explica.

Por outro lado, propõe Rui Cortes, “o discurso do BE aparece um pouco gasto e sem novidade, o que pode motivar um afastamento para outros partidos”. Neste ponto, o bloquista não nega “que o Livre tem acolhido algum deste deslocamento de votos do Bloco, porque aparece com um discurso mais arejado, é mais inovador”, ainda que o BE não seja “um partido antigo”.

Apontando o dedo a uma “estratégia inadequada” da direção do partido para as legislativas, com “pouca dinâmica nos processos eleitorais”, Rui Cortes critica a participação dos “fundadores do Bloco” – Francisco Louça, Luís Fazenda e Fernando Rosas –, e a imitação do “que se passa na Alemanha e na Inglaterra com o porta-a-porta”.

“É uma situação que à partida estava condenada absolutamente ao fracasso”, conclui

## “Utopia” do Livre não roubou votos à esquerda

**E**m 10 anos, o Livre passou de um mandato para seis, tendo-se afirmado nas passadas legislativas como o único partido à esquerda do hemiciclo a conseguir aumentar o número de votos e de deputados (199.888 em 2024 para 250.651 em 2025). O resultado deve-se “à clareza” do partido, e por ter adotado “uma estratégia” que passou por ser “uma força agregadora à esquerda”, justificou ao DN o deputado agora reeleito Paulo Muacho. Aludindo à estratégia várias vezes referida pelo porta-voz do partido Rui Tavares durante a campanha de não ir buscar votos à esquerda, Paulo Muacho afirmou que “era essencial ir buscar votos à direita”, alertando porém para “uma maioria constitucional” de direita, que pode vir a fazer uma nova revisão da Constituição. “A situação é extremamente perigosa, principalmente quando Luís Montenegro ainda não afastou essa hipótese”, avalia. Para além disto, insistindo no plano seguido pelo partido, Paulo Muacho assume a sua bancada como sendo “utópica”. “A verdade é que essa utopia é que mobiliza as pessoas para essas ideias de futuro e não simplesmente estarmos a discutir as décimas do dêfice ou os pontos percentuais do IRC ou do IRS, garante. Questionado sobre se terá roubado votos à esquerda, o deputado lembra que “o PS teve menos de 365 mil votos, o BE teve menos 154 mil, o PCP menos 21 mil, o PAN menos 37 mil.” “O Livre teve mais 50 mil votos, portanto, certamente não foi o LIVRE que captou estes quase meio milhão de votos.”

ID: 117254834

20-05-2025

# Líderes de 'jotas', ativista do 'rap', ex-diretor do SNS e fiéis do Chega são as novidades

**PARLAMENTO** Boa parte dos novos deputados são jovens, alguns deles já conhecem os corredores de São Bento, como assessores parlamentares, mas escasseiam pesos-pesados na próxima legislatura. Fernando Araújo é exceção.

TEXTO LEONARDO RALHA

O descalabro que o PS e quase toda a esquerda sofreram no domingo impediu a estreia na Assembleia da República dos socialistas Pedro Pinto de Jesus e Hugo Mendes, ambos próximos de Pedro Nuno Santos, ou da bloquista Andreia Galvão. Ainda assim, a próxima legislatura será marcada por dezenas de novas figuras, incluindo muitos jovens.

Exemplo evidente disso foi a eleição dos dois principais responsáveis pelas estruturas juvenis do PSD e do PS. O presidente da JSD, João Pedro Louro, que nas anteriores legislativas recusara um lugar não elegível em Setúbal, foi o 11.º da AD em Lisboa, enquanto a secretária-geral da JS, Sofia Pereira, ainda teve maiores facilidades para assegurar lugar no hemiciclo, pois foi a segunda candidata socialista pelo Porto. Mas a líder da Juventude Chega, Rita Matias, também viu reforçado o partido, pois Madalena Cordeiro e Daniel Teixeira foram reeleitos e o crescimento eleitoral do partido assegurou assentos parlamentares aos atuais assessores parlamentares Rui Cardoso e Ricardo Lopes Reis, e ainda à famalicense Lina Pinheiro.

Com a AD a optar pela continuidade nas listas de deputados embora os grupos parlamentares do PSD e do CDS ainda estejam dependentes de quem terá lugar no (presumível) próximo Governo, destacam-se o cabeça de lista por Évora, Francisco Figueira, que era chefe de gabinete do grupo parlamentar social-democrata, a algarvia Bárbara Correia ou a minhota Sofia Fernandes.

Mas grande parte das novidades estarão na bancada do Chega, incluindo os novos cabeças de lista Paulo Seco (Coimbra), João Aleixo (Portalegre) e Francisco Lima (Açores). E, ente outros, a enfermeira Cláudia Estêvão (Setúbal) e a assessora política Patrícia

## NOVIDADES DA LEGISLATURA



cia Almeida, que já era deputada municipal em Loures.

No legado que Pedro Nuno Santos deixa para a próxima bancada parlamentar do PS destacam-se duas figuras: o antigo diretor executivo do Serviço Nacional de Saúde, Fernando Araújo, que foi cabeça de lista pelo Porto e fez muitas críticas ao Governo de Luís Montenegro, e a ativista e rapper Eva Cruzeiro, que viveu longos anos em Angola, onde deu início à carreira musical, com o nome artístico Eva Rapdiva, agora eleita por Lisboa. Também

há regressos, como os dos alentejanos Luís Testa (Portalegre) e Pedro do Carmo (Beja), tal como a ida para São Bento de vários autarcas em fim de mandato, como o madeirense Emanuel Câmara. E o antigo secretário de Estado das Infraestruturas (adjunto de Pedro Nuno Santos quando ele era ministro da pasta) Frederico Francisco, eleito por Lisboa.

No que toca à Iniciativa Liberal, apesar de o reforço do grupo parlamentar ter ficado abaixo dos melhores cenários, há três novidades. Uma das vice-presidentes

do partido, Angelique da Teresa, foi eleita por Lisboa, tal como o ex-assessor parlamentar Jorge Teixeira, que é especialista em inteligência artificial, enquanto o secretário-geral Miguel Rangel vai para o Parlamento como segundo candidato pelo Porto.

Também reforçado, de quatro para seis deputados, o Livre tem agora Jorge Pinto e Teresa Pinto eleitos pelo Porto, mas a segunda cumpriu parte da anterior legislatura, em regime de substituição. Novidade absoluta é a terceira deputada por Lisboa, a profes-

sora catedrática do Instituto Superior Técnico Patrícia Gonçalves, também presidente da direção do Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas, que está no partido desde 2014 e tem sido uma das substitutas de Rui Tavares na verificação da Câmara de Lisboa.

Também da Madeira vem o deputado único do Juntos pelo Povo (JPP), Filipe Sousa, que não se poderia recandidatar a mais um mandato como presidente da Câmara de Santa Cruz nas autárquicas deste ano.

ID: 117254834

20-05-2025

# COMO CORRERAM AS ELEIÇÕES, CÍRCULO A CÍRCULO

## LISBOA (48)

**AD 15 (+1)**  
**PS 12 (-3)**  
**Chega 11 (+2)**  
**IL 4 (+1)**  
**Livre 3 (+1)**  
**CDU 1 (-1)**  
**BE 1 (-1)**  
**PAN 1**

O maior círculo eleitoral do país foi um dos que alteraram a força mais votada em relação a 2024. A AD só ganhou um deputado, mas viu o PS perder três, com o Chega a ser o maior beneficiário. A Iniciativa Liberal e o Livre tiveram mais um eleito, enquanto a CDU e o Bloco de Esquerda perderam um, com Mariana Mortágua a ficar como deputada única. Tal como no PAN continua a suceder à (mais uma vez) sobrevivente Inês de Sousa Real.

## PORTO (40)

**AD 15 (+1)**  
**PS 11 (-2)**  
**Chega 9 (+2)**  
**IL 2**  
**Livre 2 (+1)**  
**CDU 1**  
**BEO (-2)**

A coligação de centro-direita reforçou a liderança, com mais um eleito, enquanto os socialistas perderam dois. Foi novamente o Chega a crescer mais, acrescentando dois deputados, enquanto o Livre passou de um para dois. Com a Iniciativa Liberal a estagnar, a maior surpresa foi a perda dos dois mandatos do Bloco de Esquerda, enquanto a CDU manteve o seu deputado.

## BRAGA (19)

**AD 8**  
**PS 5 (-1)**  
**Chega 5 (+1)**  
**IL 1**

O grande círculo com menores alterações viu a AD manter oito deputados, o PS a perder um e o Chega a ganhar outro. Também voltou a ser eleito o líder da Iniciativa Liberal, Rui Rocha.

## SETÚBAL (19)

**Chega 6 (+2)**  
**PS 5 (-2)**  
**AD 5 (+1)**  
**CDU 1**  
**Livre 1**  
**IL 1**  
**BEO (-1)**

O domínio do Chega a sul do Tejo começou em Setúbal, assumindo a liderança. Teve mais dois deputados, enquanto o PS perdeu igual número de mandatos. Também a AD ganhou um deputado, com CDU, Livre e Iniciativa Liberal a manterem os respetivos eleitos, ao contrário do Bloco de Esquerda.

## AVEIRO (16)

**AD 7**  
**PS 4 (-1)**  
**Chega 4 (+1)**  
**IL 1**

O duelo entre Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos teve desfecho favorável para o líder do PSD. Não ganhou mandatos, mas os socialistas perderam um, a favor do Chega, com a Iniciativa Liberal a manter o seu eleito.

## LEIRIA (10)

**AD 5**  
**Chega 3 (+1)**  
**PS 2 (-1)**

Em 2024 a coligação de centro-direita já tinha metade dos dez mandatos deste círculo. Assim se manteve, com a diferença de que o Chega ultrapassou o PS, ganhando-lhe um deputado.

## COIMBRA (9)

**AD 4 (+1)**  
**PS 3 (-1)**  
**Chega 2**

Neste distrito houve mais uma mudança de força mais votada, pois a AD aproveitou uma descida acima da média nacional do PS, que tinha como cabeça de lista o "paraquedista" Pedro Delgado Alves, para lhe conquistar um mandato. O Chega manteve os dois deputados que já tinha.

## SANTARÉM (9)

**AD 4 (+1)**  
**Chega 3**  
**PS 2 (-1)**

Desfez-se um dos vários empates do "tripartidarismo" nascido nas legislativas de 2024, com a AD a ganhar um deputado ao PS, que passou de primeira para terceira força no Ribatejo. O Chega manteve os seus três eleitos.

## FARO (9)

**Chega 4 (+1)**  
**AD 3**  
**PS 2 (-1)**

Neste caso o empate das últimas eleições também se desfez, mas a favor do Chega. Elegeu o quarto deputado, perdido pelo PS, enquanto a AD manteve três.

## VISEU (8)

**AD 4 (+1)**  
**Chega 2**  
**PS 2 (-1)**

Desta vez a coligação de centro-direita obteve metade dos mandatos, ganhando um deputado ao PS, que ainda viu o Chega a tornar-se a segunda força num distrito fortemente conservador, continuando a ter os mesmos dois deputados de 2024.

## VIANA DO CASTELO (5)

**AD 3 (+1)**  
**Chega 1**  
**PS 1 (-1)**

Novamente encabeçada por José Pedro Aguiar Branco, a lista da AD teve maioria absoluta no Alto Minho, com três dos cinco deputados, resultado da conquista de um mandato aos socialistas. O Chega não só manteve o seu eleito como passou a ser a segunda força mais votada.

## VILA REAL (5)

**AD 3 (+1)**  
**PS 1 (-1)**  
**Chega 1**

Também neste círculo trasmontano houve boas notícias para a AD, encabeçada pela ministra da Saúde, Ana Paula Martins, que

elegeu três dos cinco deputados. O PS perdeu um dos dois que tinha na anterior legislatura, enquanto o Chega manteve um mandato.

## CASTELO BRANCO (4)

**AD 2 (+1)**  
**PS 1 (-1)**  
**Chega 1**

Mais uma ultrapassagem da AD ao PS, com subida da coligação e descida dos socialistas acima das médias nacionais, que se traduziu na conquista de um deputado dos primeiros aos segundos. O Chega reforçou a votação e manteve o seu deputado.

## BRAGANÇA (3)

**AD 2**  
**PS 1**

Nada de novo no único círculo onde o Chega não teve eleitos.

## GUARDA (3)

**AD 1**  
**PS 1**  
**Chega 1**

Foi por pouco que a subida eleitoral da AD não lhe permitiu ganhar um segundo mandato, algo que implicaria a perda de representação parlamentar do Chega no distrito, apesar de ter mais votos e percentagem do que em 2024. Já o PS manteve-se como o segundo mais votado.

## ÉVORA (3)

**PS 1**  
**Chega 1**  
**AD 1**

Único círculo eleitoral abaixo do Tejo em que o Chega não ficou à frente, Évora deu uma vitória bastante mais apertada do que em 2024 aos socialistas. Mas na prática tudo se manteve igual, com PS, Chega e AD a dividirem os três mandatos.

## BEJA (3)

**Chega 1**  
**PS 1**  
**AD 1**

O Chega passou para a frente no Baixo Alentejo – onde tam-

bém fracassou a tentativa de regresso da CDU –, sem que daí resultasse qualquer alteração no número de mandatos. Chega, PS e AD dividem novamente os três mandatos deste círculo eleitoral.

## PORTALEGRE (2)

**Chega 1**  
**PS 1**

Não foi desta vez que o PSD (pela segunda vez consecutiva integrado numa coligação com o CDS) voltou a eleger no Alto Alentejano. Apesar da queda do PS, que foi ultrapassado pelo Chega, a AD ainda ficou a 668 votos de eleger o cabeça de lista, Manuel Castro Almeida.

## MADEIRA (6)

**AD 3**  
**Chega 1**  
**PS 1 (-1)**  
**JPP 1 (+1)**

O resultado das recentes eleições regionais alimentava a expectativa de que a coligação pudesse ganhar o quarto mandato. Tal não sucedeu, ainda que a quebra superior a seis pontos percentuais do PS lhe tenha custado o segundo lugar, perdido por larga margem para o Chega, e um dos seus dois mandatos. Isso permitiu a estreia na Assembleia da República do Juntos pelo Povo, que candidatou o presidente da Câmara de Santa Cruz, Filipe Sousa.

## AÇORES (5)

**AD 3 (+1)**  
**PS 1 (-1)**  
**Chega 1**

O círculo teve a particularidade de ser o único em que PSD e CDS foram a votos ao lado do PPM, como sucede na Assembleia Regional dos Açores, e de o centro-direita ter perdido votos (5464) e percentagem (3,28 pontos). Ainda assim, a coligação ganhou o terceiro deputado, conquistado ao PS, que caiu ainda mais e só elegeu o cabeça de lista Francisco César. E o Chega sobreviveu ao escândalo de Miguel Arruda, voltou a eleger um deputado. **L.R.**

**NOTA:** Os círculos da emigração só terão os resultados dentro de semanas, pois a contagem começa a 28 de maio. Em 2024, a AD e o Chega dividiram os dois mandatos de Fora da Europa, enquanto os dois referentes aos votos da Europa foram atribuídos ao Chega e ao PS.



# Seixal

## Em terra que se diz de Abril e do 'Avante!', o Chega cantou vitória pela primeira vez

**ELEIÇÕES 2025** O concelho que antes se dizia "esquecido", vai agora passar a integrar a análise política. O que se passou para que o mapa legislativo do país tenha começado a ser pintado de azul a partir do Seixal?

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO

**N**ão é Grândola, a Vila Morena, como cantava José Afonso, mas quase poderia ser, porque em cada esquina, os murais ainda são de terra da fraternidade e de quem o povo é quem mais ordena. Não é Grândola, a Vila Morena, mas é o Seixal, da Arrentela, de Paio Pires, de Corroios e da Quinta da Atalaia, da Amora, com mais de 166 mil habitantes, que todos os anos, há mais de trinta, no início de setembro se veste de vermelho, em nome da liberdade. Onde está esta terra, nos resultados das últimas eleições legislativa, que deram em todo o país 58 deputados ao Chega, tantos quantos ao Partido Socialista?

No Seixal, quem não votou no partido de André Ventura, diz-se "incrédulo", "em choque", "ainda sem acreditar". Quem votou, e, alguns, contra todo o sentido de voto de anos anteriores, no PS, BE ou CDU, ou do que vão ter nas

ID: 117254834

20-05-2025



Nos muros, restam os sinais da terra de Abril.

Nesta segunda-feira, depois do azul ter dado lugar ao vermelho ou ao rosa pintado no mapa legislativo, como ainda acontecia em 2024, no Seixal, a mesma pergunta saltava em roda de amigos nos cafés, na caminhada à beira da marginal, ou até nos parques infantis quando se esperava pelos filhos: “E agora?”, mas nós acrescentámos: “Como vai o Seixal viver ‘partido ao meio’?” Ou seja, com duas freguesias do Chega, duas do PS e uma população a mudar de dia para dia, pelas circunstâncias da vida ao redor de Lisboa e também da imigração? Como vai o concelho seguir os princípios de outrora, de direitos iguais e inclusivos para todos?

“Vamos conseguir viver. Melhor ou pior. O problema é o que estes resultados dizem de nós, como povo”, argumenta Daniela, junto à porta da quinta da Atalaia, onde, mais uma vez, em setembro, se repetirá a *Festa do Avante!*. Nas ruas, poucos se deixam ver. “Estão a trabalhar”. É assim num dia semana e de trabalho. Na Amora e em Corroios, o PS manteve a vitória, mas no resto do concelho? “O Chega vai deixar marcas?”, questiona, já dentro do carro e a pedir desculpa porque vai iniciar o turno das 14 horas. “Tenho duas filhas pequenas e tudo isto é muito mau para o que pode representar para o futuro delas e das novas gerações do nosso país”.

Olhando para o mapa legislativo da Comissão Nacional das Eleições, o concelho do Seixal, um dos vários de Setúbal, que também ficou a pintado a azul, teve uma votação de mais de 65% dos inscritos. Ao todo, votaram 96 617, dos quais 146 mil inscritos. No final, o Chega saiu vitorioso com 26,02% dos votos, ficando

em primeiro no Seixal, Arrentela, Paio Pires, Fernão Ferro e em segundo em Corroios e na Amora, a pouca distância do PS, que manteve a liderança, alcançada nas eleições de 2024.

#### Do voto no PS ou no Bloco há um ano para o do Chega

Se formos a contas, o Chega ganhou votos ao Partido Socialista, à CDU e ao Bloco de Esquerda. Em 2024, já havia uma certa tendência de crescimento do Chega a ficar em segundo e colado ao PS. Este ano, conseguiu vitória em duas grandes freguesias, mais de sete mil votos na Arrentela e Paio Pires, quase cinco mil em Fernão Ferro, e mais de 6600 na Amora e 6900 em Corroios. O PS somou 25,54% dos votos, a AD, 20,98%, a CDU 6,92%, a Iniciativa Liberal 5,91% e o Bloco de Esquerda não passou dos 2,45% dos votos. Os dados oficiais sobre o Seixal quase que nos permitem dizer que o PS começou ali a perder as eleições, já que a queda no número de votos, ultrapassa os dois milhares, mesmo nas freguesias em que conseguiu ganhar, Amora e Corroios. Ou seja, e se dúvidas houvesse, os dados por freguesias deixam claro que a transferência de votos foi do PS e do BE para o Chega.

Para os mais velhos, como Luís Coelho, de 80 anos, nascido, criado e vivido no Seixal, como gosta de dizer, ou como o amigo Manuel Martins, de 73, de Setúbal, mas há 46 anos naquela terra, a que escolheu, para exercer a sua profissão de pedreiro e para viver, os resultados de 18 maio “foram surpreendentes”, comenta Luís, gerente comercial toda a vida. Manuel também diz que “não esperava”, mas não ficou “surpreendido”, porque, entende, que “para

## RETRATO

### CONCELHO.

Limitado a Este pelo Barreiro, a Sul por Sesimbra e a Oeste por Almada, o Seixal dizia-se um concelho esquecido, mas, hoje tem mais de 166 mil habitantes espalhados pelas quatro freguesias. Muitos vindos de Lisboa, que ali procuraram melhores condições de vida, outros de África, mas também já alguns vindos da Suécia, de França e até da Alemanha, para gozarem aqui as suas reformas, com mais qualidade.

### ELEIÇÕES.

De um total de 146.474 inscritos, votaram no Seixal 96.617 cidadãos (65,6%) do total, que deram a vitória ao Chega com 26,02% dos votos. Ao todo, foram 25.136 a votar no partido de Ventura, 24.673 no PS, 20.268 na AD, 6689 na CDU, 5712 na IL, 5576 no Livre, e 2365 no Bloco de Esquerda. Há um ano, os números eram bem diferentes. O PS venceu no concelho com 31.337 votos, o Chega alcançava o segundo lugar com 20.121 votos. A AD registava 16.596, a CDU 7321, a IL com 5672 e o Bloco com 5404.

### Autarquia.

Em 2021, a CDU venceu de novo a Câmara do Seixal. É assim há muitos anos e pelas ruas o trabalho feito vai sendo exposto: “143 Parques urbanos e Infantis” ou “Visite no Novo Seixal”. A nova construção atinge preços já praticados em Lisboa, o Alojamento Local também aumenta. A ideia de um hospital novo é uma reivindicação de há mais de 15 anos para responder população.

muitos foi um voto de protesto. As pessoas não aguentam mais esta vida”. E quando perguntamos: “Que vida?” A resposta surge ao som do discurso do Chega: “Olhe, ganhar mal, de quem paga impostos nunca é compensado, de haver cada vez mais subsídiodependentes, etc. Nem gosto de falar nestas coisas que me irrita!”

Na opinião de Luís, a “esquerda preocupou-se sempre em falar nas minorias, mas sempre sobre a imigração, para o que estas pessoas precisam, dizendo que até pagam mais impostos do aquilo que levam para casa, mas eu coloco a pergunta ao contrário: ‘Se se preocupassem mais em fazer com que quem vive a vida toda de subsídios do Estado começasse a trabalhar, se se preocupassem mais em fazer com que estes também pagassem impostos, se calhar não era preciso termos imigrantes a vir de tão longe para trabalhar e pagar impostos’”.

O discurso leva-nos à pergunta: “Votou no Chega?” Luís diz que “não”, justificando que “o Chega e o André Ventura não são a solução para os problemas atuais. O povo não sabe isso, mas eu sei. Vivi no tempo do Salazar, fiz a tropa na Guerra”. O homem que fez toda a sua vida no comércio no Seixal acaba por assumir que votou “no Livre, pela primeira vez. Pelo menos, tem um líder que acho ser o único que ainda não conheço como ladrão”, porque “se não fosse nele, não votaria em nenhum dos que já lá estiveram. O discurso de que ‘prometemos’ e ‘vamos fazer’ já não pega. Dizem todos os mesmo, mas, depois, não fazem”.

Manuel diz que o compreende: “Olhe, eu só não votei no Chega, porque vivi também o tempo do Salazar. E, no meu tempo, não havia subsídios para ninguém. Tínhamos de trabalhar para dar de comer aos filhos, mais tarde tínhamos de pagar impostos para viver e ser cidadãos ‘certinhos’. Agora, basta ter filhos e subsídios e ninguém exige nada”.

Juntos à conversa na estação fluvial do Seixal, que em 18 minutos separa o concelho do Seixal da capital, com transeuntes a chegar e a partir de 15 em 15 minutos ou de meia em meia hora, insistimos: “Falamos de subsídios, mas esses apoios não foram uma conquista de Abril e a habitação condigna e o direito ao ensino para todos também?” Concor-

continua na página seguinte »

ID: 117254834

20-05-2025

» continuação da página anterior

dam, assumindo Luís que “não está em causa o que o país conquistou em 50 anos de democracia”, mas quando perguntamos o que está em causa e o que os revoltos na realidade portuguesa, respondem: “Sabe, todos devemos ter direitos e deveres, mais uns têm só direitos”, tentando argumentar com casos de injustiças, de realidades que os políticos não querem saber, porque “não são eles que vivem aqui”. No fim de tudo isto, surge a recusa da fotografia para o testemunho. “Isso, não queremos, até de costas nos conhecem”, afirmam.

Dali, saímos insatisfeitos, mas encontramos Maria Clara, de 73 anos, que sentada no carro, a olhar para o Tejo, nos observava. É ela que acaba por dar a resposta que não tivemos antes: “Nunca imaginei que o Chega ganhasse no Seixal. Temos dois grandes bairros de pessoas de etnia cigana, e não os vejo a votarem no Chega. Não sei como conseguiram ganhar”. Ai está. Será pela etnia cigana?, sempre tanto no discurso do Chega, será pela imigração hindustânica? Porquê? Porque mudou o seu voto a população do Seixal? Maria Clara volta a dizer: “Não sei. Temos muita imigração, e há muitos anos, mas é africana. Também nos o vejo a votar no Chega”. E aos outros habitantes, vê?, perguntamos. “Também não, mas pelos vistos.”

O que terá acontecido em 11 meses para que a população tenha dado a vitória à esquerda socialista, em 2024, e, em 2025, viesse a engrossar os votos da direita, no Chega e também na AD, ambos com aumento no número de votos. Maria Clara, que sempre foi funcionária pública, acredita que tal se deve “mais à juventude”. “Os jovens sentem-se revoltados, os que começam a trabalhar e que querem iniciar as suas vidas. Não conseguem. Sentem que não têm condições, até mesmo nós, os idosos, sentimos um pouco isso. No meu caso, no ano passado, tive um aumento de 30 euros, para que dá isso?” Por outro lado, Maria Clara atenta que tudo está a mudar, tanto no Seixal como no resto do país. “Já viu a cidade de Setúbal, o Alentejo todo e o Algarve? Há uma mudança até na população. Está a ver a construção que aí vai?”, aponta para o espaço nas nossas costas. “São andares para mais de 600

mil euros, há muitos estrangeiros, suecos, franceses, alemães e tudo isto muda o custo de vida também”. Segundo nos contam, a maioria dos estrangeiros que está a escolher o Seixal, “vem para gozar as reformas. Vivem bem aqui. Não são jovens a tentar a vida, mas dão cabo do preço da habitação”. Maria Clara espera que os resultados de domingo sejam analisados. O PS deveria



*“Nunca imaginei que o Chega ganhasse no Seixal. Temos dois grandes bairros de pessoas de etnia cigana, e não os vejo a votarem no Chega. Não sei como conseguiram ganhar.”*

**Maria Clara**  
Reformada da Função Pública



*“São precisas alternativas aos partidos políticos que estão no poder. Podem dizer mal dele, mas o Ventura é o que vai direito ao que está mal.”*

**Mário tem 56 anos**  
Funcionário da autarquia

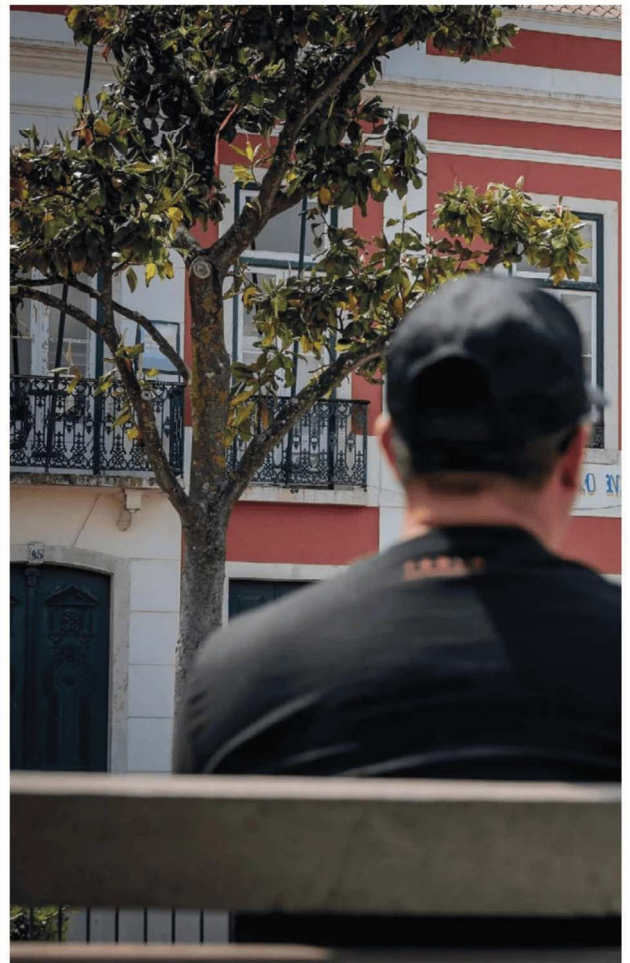
pensar nisto, nunca imaginei que perdessem tanta votação”.

**“Tudo na vida muda, a política também”**

Maria Clara continua o passeio, e no nosso caminho aparece Mário, de 56 anos, que enverga a farda de funcionário da autarquia, que diz, como aviso “posso falar sobre as eleições, sim. Sempre disse o que pensava”. Portanto, é o primeiro nascido e residente no Seixal a assumir: “Votei Chega, sim senhor.” E votou, em primeiro lugar, “por causa corrupção, depois pela imigração”. Nas suas palavras, “Portugal tornou-se numa República das Bananas. E o PS tem muita culpa. Primeiro, deixou o Sócrates roubar, e pode mesmo escrever isso, roubar, não há outra palavra para o dizer, depois o Costa deixou entrar toda a gente, sem regras, sem condições e estamos como estamos”.

Para quem votava CDU, e o vai fazer outra vez nas autárquicas, há uma tese para a ligação ao Chega. “Tudo na vida muda, na política também. E, atualmente, a política ou os partidos que costumavam dividir o poder, não estão adequados à realidade portuguesa. Já ninguém confia neles. Os políticos falam, falam, mas não conhecem o terreno. Acho mesmo que estas eleições são o descrédito total do PS e também do PSD. Olhe, é como o Ventura diz: Há 50 anos a falhar”.

Mário diz saber que “o PSD ganhou as eleições”, mas remata logo: “E o que vão fazer? Nada. E os portugueses deviam ter pensado nisso, deviam ter pensado que são precisas mudanças para dar mais condições de vida às famílias. São precisas alternativas aos partidos políticos que estão no poder. Podem dizer mal dele, mas o Ventura é o que vai direito ao que está mal”. O funcionário da autarquia conta que a mulher atravessa o rio todos os dias para trabalhar em Lisboa e que todos os dias lida com “o fenómeno da imigração”, que, de acordo com a sua tese, “afinal, não é fenómeno nenhum. Só existe porque deixaram, ninguém quis impor regras, porque aos que querem mesmo trabalhar devia-se dar condições, aos outros nem deviam cá entrar”. Na sua tese, o problema da imigração não é uma só uma questão de quantidade, de serem muitos, mas também de cultura, porque “os seus costumes são muito diferentes dos nossos e se vêm para cá deveriam respeitar



os nossos”. Mas o que não é respeitado? “Olhe, não andarem todos de cara tapada. Os filhos não irem escola assim. Respeitem a nossa religião. Eu via-me a viver num país do socialismo, trabalho igual e salário igual, o que é que isso me deu? O socialismo falhou e o que esperavam? Um milagre? Esse só em Fátima, mas até esse parece ter sido fabricado”. Depois de toda a tese, perguntamos se ainda se sente confortável nas autárquicas a votar na CDU? “Claro que voto. A CDU tem feito muito pelo concelho. Na Assembleia da República é que são precisas mudanças”.

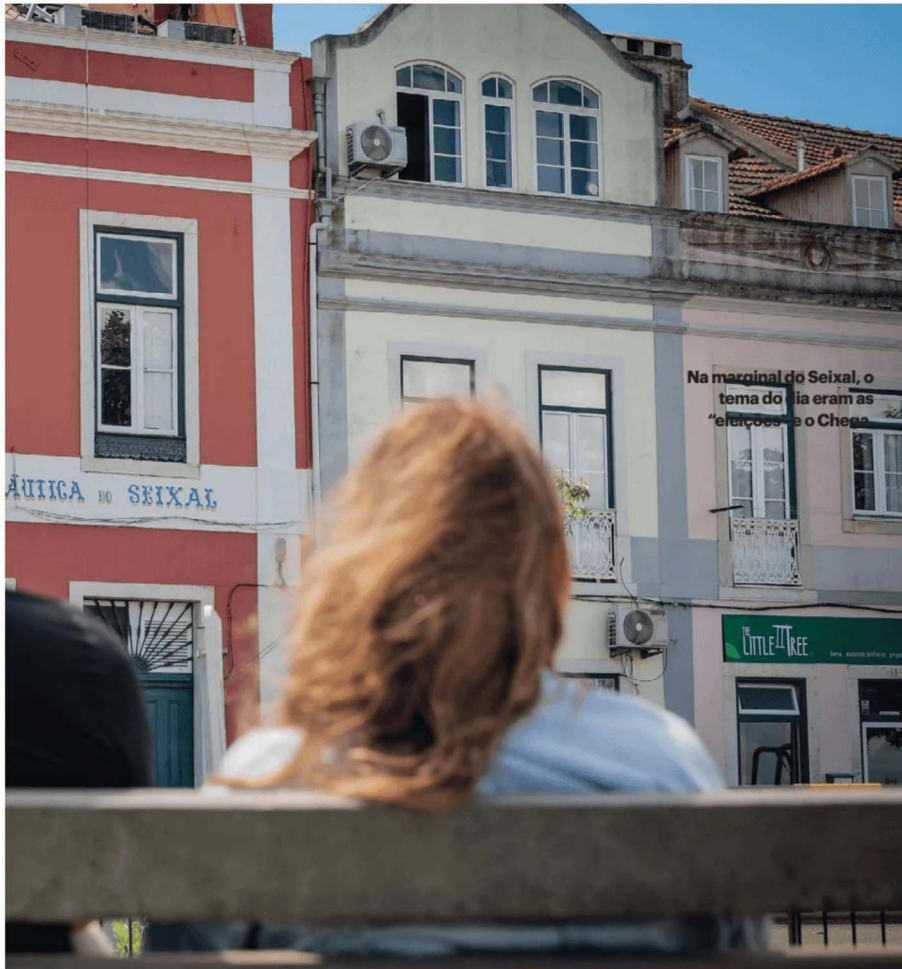
**“Não queremos acreditar que a realidade que temos hoje é o melhor que nos podem dar”**

A menos de um quilómetro dali, passando pela siderurgia nacional, com o anúncio a vermelho na

rotunda de que estamos num “município de abril”, Diana e Pedro, de 37 anos, fazem tempo, sentados num banco, à espera da saída da filha da escola. “Faz hoje sete anos, por isso é que estamos aqui, senão o dia era passado a trabalhar”. Diana nasceu no norte, mas os pais quiserem que crescesse naquele concelho da margem sul. E, durante mais de 30 anos, tem vindo a assistir à sua transformação. “O Seixal já não é nada do que era”, avisa. “O custo de vida em Lisboa atirou muitas pessoas para aqui, o que encareceu muito as casas. Hoje em dia, um destes edifícios pequenos, que há dez ou 15 anos, poderiam custar 50 mil euros, agora pedem mais de 250 mil. Um T2 no Seixal é para cima de 250 mil euros. Deixámos também de ter empregos ou até de vagas nas creches ou nas escolas para os filhos”, argumenta.

ID: 117254834

20-05-2025



***“Estamos a criar gerações que não têm sentido crítico, que absorvem toda a informação que captam nas redes sociais e que tomam as suas decisões com base nisso.”***

graves que quaisquer medidas que apresentem parecem que já não mudam nada”.

Diana e Pedro, este técnico de informática, não votaram no Chega “sem pensar”, assumem até saber que “André Ventura é um comunicador e que diz às pessoas o que querem ouvir” ou que “há uma estratégia provocadora no que diz e no que faz”, porque “se ele usasse um discurso mais *soft*, ninguém lhe ligava nenhuma”. Por outro lado, culpam a comunicação social por lhe “atirar sempre com os mesmos temas, com as mesmas questões do racismo ou da xenofobia, sem lhe dar a oportunidade de falar no programa dele”, que, dizem, “não refere nada sobre a perda de direitos das mulheres”. Têm também a noção de que se chegasse agora ao poder, ou se chegar em alguma altura, “pode não fazer melhor do que os que lá estão agora ou estiveram nos últimos anos. Só o tempo o poderá provar, mas, pelo menos, é dos políticos que parece estar muito atento aos problemas reais das famílias portuguesas”. Têm esperança que a votação no partido de André Ventura possa fazer alguma diferença. “Queremos acreditar nisso”, mas também “só o futuro o dirá”.

***“Ainda estamos incrédulas”***

Ao longo da marginal do Seixal, é onde estão os cartazes do Chega, e, por debaixo deles, alguém deixou um cartão, com um cravo vermelho desenhado, a dizer: “Por aqui, não passará.” Mas, afinal, passou. Num dos cafés junto à sede do PCP, no mesmo passeio, duas mulheres chamam a atenção nos comentários. Mais uma vez o tema das eleições. “Ainda

estamos incrédulas”, dizem-nos. Ambas são professoras do ensino público há mais de 30 anos, gostam do que fazem, e uma delas, que foi professora de Rita Matias confessa mesmo: “Todos os dias me pergunto o que fiz de errado. Tanto eu, como tantos outros colegas que foram professores dela e que sempre nos pautámos por certos princípios.”

O que aconteceu à deputada do Chega eleita pelo Círculo de Setúbal, e que frequentou a escola no Seixal, não sabem o que aconteceu, mas sabem o que aconteceu agora: “Estamos a criar gerações que não têm sentido crítico, que absorvem toda a informação que captam nas redes sociais e que tomam as suas decisões com base nisso.” Trabalham no Seixal, mas são moradoras noutras concelhos da Margem Sul, defendem a Educação como um direito e para ambas “os resultados destas eleições têm de ser analisados”, bem como às suas causas que “são mais profundas do que possamos imaginar”.

De um lado temos, os jovens que, muitas vezes, “nem nos ouvem, seguem as ideias do Chega quase patologicamente”. Por outro lado, temos “as gerações mais velhas, que não vêm as suas condições de vida melhoradas e depois têm de arranjar responsáveis, como os subsidiodependentes”. Concordam com o direito aos apoios às famílias que deles necessitam, mas também concordam que a estes falta critérios e fiscalização. “Cheguei a ter um aluno com 18 anos no 5.º ano de escolaridade e a Segurança Social só queria saber se ele ainda estava na escola, não queria saber se faltava ou não ou se tinha aproveitamento. E isto está errado, e penso também que é contra estas situações e outras que as pessoas se sentem revoltadas”. Para a elas, a preocupação “é o futuro das novas gerações. Há tem de ser feito para se reverter a realidade atual”. Como é que as escolas no Seixal têm vivido com as diferenças, tanto uma com a outra sabem-no, à custa dos professores e de todos os outros profissionais que acreditam no ensino público e que levam os seus princípios para os projetos que desenvolvem. Agora, se “a escola tem de ser mais inclusiva, como se quer, tem”. E tem de ser “para os dois lados, tantos para os estrangeiros como para os portugueses.”

Se foi esta alteração na vida de quem ali sempre viveu que terá levado à mudança de voto para o Chega, Diana e Pedro concordam que “também foi”, mas atribuem a mudança “à falta de alternativas políticas”, acabando ela por assumir: “Não concordo com tudo o que diz André Ventura, mas votei Chega”. Um voto que, confessa, “contrário a tudo a que já votei desde que pude exercer este direito aos 18 anos”.

Diana, diretora de recursos humanos numa empresa em Lisboa, já votou Bloco de Esquerda, mas também PS. E, se agora, tomou a decisão que tomou, não foi por uma questão ideológica, de passar dos princípios da esquerda para a direita, justificando que “a ideologia faz cada vez menos sentido”. Hoje em dia, “voto cada vez mais em quem me apresenta propostas ou, pelo me-

nos, me faz sentir que tem vontade de mudar o que está instalado”, acrescentando: “Neste momento, quem está a liderar o país, tanto PS como PSD, passam a ideia de que a realidade de hoje é o melhor que nos podem dar, e isso não posso aceitar”, afirma perentoriamente.

Quando chegamos à posição do Chega sobre os direitos das mulheres, confessa que a “acha conservadora”. E que este foi uma dos temas que a levou a consultar o programa do partido. A questão da imigração também, porque foi criada num ambiente em que o princípio da “solidariedade” e dos “direitos iguais para todos” era importante, e as minorias também. Mas, salvaguarda, “a igualdade tem de ser para todos, para os portugueses também”, e há muito que “não veem uma melhoria nas condições de vida”.

Daniela dá mesmo o exemplo: “Temos uma minoria de pais com filhos com deficiência. Onde estão os seus direitos? Os seus apoios? São cada vez mais difíceis, mas estas minorias são invisíveis, não vemos mães a manifestarem-se por causa da doença dos filhos”.

Diana e Pedro assumem que discutiram muito o voto no Chega. E que não sabem mesmo se o repetem, porque, hoje, destacam mais uma vez, “a ideologia já não faz sentido. Já não somos de um partido até morrer. Somos de quem é capaz de nos fazer acreditar que algo pode mudar. Ou que, pelo menos, vai tentar. O PS e a AD são dois partidos que estão no poder muito confortavelmente. Ora ganhava um, ora ganhava outro. E as mudanças não surgem. Os problemas na Educação, na Saúde, na Habitação são tão



**Legislativas** A “teia” de Montenegro pressiona oposição. Marcelo quer “certezas”. As razões para a queda do Bloco e PCP e as questões a resolver no PS após saída de Pedro Nuno. Líderes de *jotas*, ativista do *rap*, ex-diretor do SNS e fiéis do Chega são as novidades.

PÁGS. 3-13